



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**A FILOSOFIA ACADÊMICA E A VIDA DOS JOVENS ESTUDANTES
DE ESCOLA PÚBLICA: SERIA ESSE UM ABISMO INTRANSPONÍVEL?**

VINÍCIUS CAMPOS DA COSTA

Brasília

2024

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS**

**HUMANAS DEPARTAMENTO DE
FILOSOFIA**

**A FILOSOFIA ACADÊMICA E A VIDA DOS JOVENS ESTUDANTES
DE ESCOLA PÚBLICA: SERIA ESSE UM ABISMO INTRANSPONÍVEL?**

VINÍCIUS CAMPOS DA COSTA

Monografia apresentada ao
Departamento de Filosofia da
Universidade de Brasília, como requisito
para obtenção do título de Licenciado em
Filosofia, sob a orientação do Professor
Dr. Rogerio Alessandro de Mello Basali.

Brasília

2024

BANCA EXAMINADORA

PROFESSOR ORIENTADOR

PROFESSOR(A)
CONVIDADO(A)

Agradecimentos

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, seja com apoio, conhecimento ou incentivo. Cada gesto, por menor que tenha sido, foi fundamental para a conclusão desta etapa. Agradeço, aos professores que passaram pela minha vida, deixando marcas de sabedoria e ensinamentos que transcendem a sala de aula.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha família, que tem sido meu pilar ao longo desta jornada acadêmica. Sem o apoio incondicional de vocês, não teria sido possível alcançar este momento tão significativo. Agradeço por estarem ao meu lado em todos os momentos, por nunca deixarem que eu desistisse e por serem fonte constante de incentivo e amor. Cada conquista neste trabalho é também fruto do apoio inestimável que recebi de vocês. A vocês dedico não apenas este trabalho, mas também todos os passos que darei daqui para frente. Obrigado por serem minha inspiração e por tornarem possível este sonho.

“Protegido da noite que me encobre,
Escura como o vão entre os mastros,
Eu agradeço a quaisquer deuses que
 acaso existam
Por minha alma inconquistável.

 Nas garras das circunstâncias,
Não estremei ou chorei em voz alta.
 Sob os golpes do acaso
Minha cabeça sangra, mas não curvada.

 Além deste lugar de ira e lágrimas,
 Agiganta-se o horror das sombras,
E, ainda assim, a ameaça dos anos
Me encontra, e me encontrará, sem medo.

Não importa quão estreito seja o portão,
Quão cheio de punições o pergaminho,
Eu sou o mestre do meu destino,
Eu sou o capitão da minha alma.”

William Ernest Henley

RESUMO

O presente trabalho levanta reflexões sobre o ensino de filosofia nas universidades e no ensino médio das escolas públicas, ressaltando as disparidades entre esses contextos. O objetivo é buscar maneiras de aproximar o cânone filosófico da realidade dos estudantes de ensino médio, promovendo a filosofia como uma ferramenta prática e transformadora, capaz de gerar mudanças intelectuais, sociais e políticas, possibilitando uma abordagem rizomática da educação, conforme proposta por Deleuze e Guattari. Essa abordagem valoriza o conhecimento como algo fluido, dinâmico e interconectado, promovendo uma prática pedagógica que favoreça a criatividade, a inovação e a multiplicidade. Para isso, propõe-se o uso do Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB) como uma ferramenta prática para engajar os jovens com a filosofia, estruturando o ensino em quatro etapas: sensibilização, problematização, investigação e conceituação, aproximando o conteúdo da realidade dos estudantes e incentivando o desenvolvimento de um pensamento criativo. O PAS pode ser um dos principais pontos de partida porque sua matriz de obras tem um foco maior em apresentar conteúdos que tenham uma maior ligação com os jovens, mas partindo dessa ideia podemos usar como base outras referências para gerar essa aproximação.

Palavras-chave: Filosofia, ensino de filosofia, educação rizomática, criação de conceitos, Programa de Avaliação Seriada (PAS), escolas públicas.

ABSTRACT

This paper investigates the dissociation between the teaching of philosophy at universities and in high schools within public education, highlighting the disparities between these contexts. The goal is to find ways to bridge the philosophical canon with the reality of high school students, promoting philosophy as a practical and transformative tool capable of generating intellectual, social, and political changes, and enabling a rhizomatic approach to education, as proposed by Deleuze and Guattari. This approach values knowledge as fluid, dynamic, and interconnected, promoting a pedagogical practice that favors creativity, innovation, and multiplicity. To achieve this, the use of the Program for Serial Evaluation (PAS) from the University of Brasília (UnB) is proposed as a practical tool to engage students with philosophy, structuring teaching in four stages: sensitization, problematization, investigation, and conceptualization, bringing the content closer to the students' reality and encouraging the development of creative thinking. The PAS can be a key starting point, as its selection matrix emphasizes presenting content that resonates more with young people. Building on this idea, other references can also serve as a basis to promote this connection.

Keywords: Philosophy, philosophy education, rhizomatic education, concept creation, Program for Serial Evaluation (PAS), public schools.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I	7
A Dissociação entre filosofia universitária e escolar: desafios e propostas para uma educação significativa no ensino médio.	7
O que é Pedagogia do Conceito?	11
Deleuze, o filósofo da criação de conceitos.	13
CAPÍTULO II	16
Repensando a Educação: O Modelo Rizomático de Deleuze e Guattari.	16
Desafiando o Modelo Arbóreo: A Metáfora Rizomática e a Reconfiguração do Conhecimento.	18
Rizoma na Educação: Transformando Conceitos e Práticas Pedagógicas. ...	22
CAPÍTULO III	25
Uma proposta de ensino de filosofia para alunos do ensino médio da rede pública.	25
O PAS como uma forma de promover o interesse e aproximação entre os jovens, a filosofia e a universidade.	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

Este trabalho explora a dissociação entre a filosofia ensinada nas universidades e aquela ensinada no ensino médio da rede pública, destacando as disparidades entre esses dois ambientes. Nas universidades, a filosofia é ensinada de maneira profunda e estruturada, com acesso a recursos como bibliotecas e professores altamente qualificados, promovendo debates intelectuais e desenvolvimento crítico. Em contraste, no ensino médio, especialmente nas escolas públicas, onde geralmente a filosofia é muitas vezes tratada de forma superficial devido à falta de infraestrutura, materiais didáticos, condições de trabalho inadequadas, ou seja, outra realidade. O foco é buscar uma forma de aproximar o cânone filosófico da realidade do estudante de ensino médio, de modo que a filosofia ultrapasse a definição de apenas mais uma disciplina escolar, e passe a ser vista como uma espécie de ferramenta com potencial de gerar mudanças intelectuais, sociais e políticas.

A ideia de filosofia defendida será a criação de conceitos como uma prática dinâmica e transformadora. Ao invés de apenas repetir ideias antigas, essa abordagem incentiva os estudantes a desenvolverem pensamento crítico e a verem a filosofia como uma ferramenta prática e criativa para compreender e transformar o mundo. A ideia é trazer para o ensino médio uma filosofia que não seja meramente reflexiva, mas que inspire os estudantes a interagir ativamente com as ideias e a usá-las para questionar e reinventar suas próprias realidades.

Para que esse objetivo seja atingido, é preciso que exista uma superação do modelo tradicional de educação, simbolizado pela metáfora arbórea, que vê o conhecimento como uma estrutura hierárquica e linear, com princípios centrais (tronco) que se ramificam em disciplinas e subdisciplinas (ramos e folhas). Essa visão, apesar de influente, é limitada por sua rigidez e centralização. Em contraste, Deleuze e Guattari introduzem a metáfora do rizoma, uma estrutura não hierárquica e descentralizada, onde o conhecimento é fluido, dinâmico e interconectado. O rizoma permite múltiplas conexões em qualquer ponto, refletindo uma visão de conhecimento mais adaptável e menos restritiva. Esse modelo desafia as concepções tradicionais e propõe uma educação que valoriza a multiplicidade, a diversidade e a contínua transformação do saber, favorecendo uma prática pedagógica que promova a criatividade e a inovação, em ressonância com as experiências sociais e culturais concretas. A educação rizomática, portanto, rejeita a busca por uma totalidade fixa e

dogmática, priorizando a criação de novas conexões e multiplicidades que emergem do encontro entre diversos sujeitos e saberes, promovendo uma prática educativa inclusiva e em constante evolução.

Uma abordagem prática para aproximar os jovens da filosofia é utilizar o Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB). O PAS avalia os estudantes ao longo de três etapas, com foco em uma abordagem interdisciplinar e contextualizada. As obras indicadas pelo PAS, muitas delas com relevância filosófica, são selecionadas para dialogar com os interesses e vivências dos jovens. Os professores de filosofia podem usar essas obras como uma ponte para engajar os alunos com o conteúdo filosófico, mostrando que a filosofia está diretamente conectada com suas próprias vidas e experiências.

Partindo das obras do PAS, que pode ser um dos principais pontos de partida porque sua matriz de obras tem um foco maior em apresentar conteúdos que tenham uma maior ligação com os jovens, porém não é a única forma de fazer essa aproximação, o ensino de pode ser estruturado em quatro etapas: sensibilização, problematização, investigação e conceituação. A sensibilização busca aproximar o conteúdo da realidade dos estudantes, usando textos e imagens que ressoem com suas experiências. A problematização envolve criar ou aproveitar uma inquietação intelectual, formulando questões filosóficas que revelam contradições e dilemas. Na investigação, os estudantes exploram e analisam essas questões, buscando respostas e desenvolvendo uma compreensão mais profunda. Finalmente, na conceituação, eles consolidam o conhecimento adquirido, formulando conceitos que sintetizam sua compreensão do tema.

CAPÍTULO I

A Dissociação entre filosofia universitária e escolar: desafios e propostas para uma educação significativa no ensino médio.

Este trabalho não pretende estabelecer uma regra universal aplicável a todos os contextos educacionais. O que se segue é fruto das percepções e experiências de um estudante de filosofia da Universidade de Brasília, que estudou em escolas públicas durante toda sua trajetória acadêmica e voltou a frequentá-las durante sua formação universitária, através de estágios obrigatórios e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). As reflexões aqui apresentadas são, portanto, uma tentativa de compreender e discutir as dificuldades e potencialidades do ensino de filosofia no ensino médio público, considerando as particularidades que o autor vivenciou ao transitar entre o ambiente acadêmico e o escolar.

A filosofia é um componente curricular responsável por ocupar um lugar de prestígio nas universidades públicas. Geralmente, essas instituições são ambientes onde o pensamento crítico e a reflexão profunda não são apenas incentivados, mas também estruturados de uma forma sistemática. Os estudantes universitários de filosofia têm à sua disposição uma vasta gama de recursos que podem facilitar o estudo detalhado e aprofundado dessa área do conhecimento. Entre esses recursos, destacam-se bibliotecas extensamente equipadas, professores altamente qualificados e um ambiente rico em debates intelectuais.

Na Universidade de Brasília por exemplo, a Biblioteca Central, conhecida como BCE, é um verdadeiro tesouro do conhecimento. Ela oferece um acervo vasto e diversificado, com obras clássicas e contemporâneas, cobrindo uma ampla gama de temas filosóficos. O corpo docente da universidade é composto por professores com alta qualificação acadêmica, muitos dos quais possuem doutorado e pós-doutorado. Esses professores não apenas dominam o conteúdo teórico, mas também estão envolvidos em pesquisas ativas, contribuindo para o avanço do conhecimento filosófico. Eles trazem para a sala de aula suas próprias investigações e descobertas, enriquecendo a experiência educacional dos estudantes. A interação com esses acadêmicos permite que os estudantes se envolvam em discussões profundas, desafiem ideias estabelecidas e desenvolvam suas próprias perspectivas críticas.

Além disso, as universidades proporcionam um ambiente propício ao debate intelectual. Seminários, conferências, grupos de estudo e encontros acadêmicos são

rotineiros, criando um espaço dinâmico onde as ideias são constantemente confrontadas e testadas. Esse ambiente fomenta o desenvolvimento de habilidades essenciais, como a argumentação lógica, a análise crítica e a capacidade de articular pensamentos complexos de maneira clara e coerente. A exposição a uma diversidade de pontos de vista estimula os estudantes a pensar de forma mais ampla e a questionar suas próprias suposições.

Em contraste, quando analisamos a presença da filosofia no ensino médio das escolas públicas a realidade é substancialmente diferente. A infraestrutura nas escolas públicas é frequentemente inadequada, o que compromete seriamente a qualidade do ensino. Muitas escolas não possuem bibliotecas adequadas, sendo que a ausência de materiais didáticos apropriados é outro obstáculo significativo. Livros, textos, artigos e outros recursos educativos são escassos ou inexistentes, dificultando o acesso dos estudantes ao conhecimento filosófico. As escolas que possuem boas bibliotecas geralmente ficam trancadas e os livros de filosofia guardados dentro de caixas, tornando praticamente invisíveis aos estudantes. A falta de acesso direto ao material filosófico cria uma barreira, simbolizando uma espécie de abandono da filosofia como uma ferramenta de formação, já que o conhecimento permanece “encaixotado”, fora do alcance e da realidade dos alunos.

Tratando-se dos professores, pode se dizer que existem três tipos mais comuns: 1) O professor com uma boa formação que entende o contexto da educação pública e consegue se conectar aos estudantes e fazer um bom ensino de filosofia; 2) O professor que não tem formação acadêmica em filosofia, e basicamente ministra a disciplina sem formação específica simplesmente porque foi designado para a função devido à falta de pessoal qualificado; 3) O professor com excesso de especialização, que trata os seus estudantes como pequenos especialistas, o que dificilmente gera conexão com o assunto filosófico, e muitas das vezes acaba por aumentar a dissociação. De maneira geral, essa situação dificulta que os alunos recebam uma instrução de qualidade acerca do que seja filosofia. A carência de formação continuada para os professores também agrava o problema, pois existe pouco incentivo se tratando desse assunto.

Essa disparidade entre a filosofia universitária e a filosofia no ensino médio resulta em uma dissociação significativa. Enquanto na universidade a filosofia é uma

disciplina robusta, explorada em grande parte sua profundidade e complexidade, nas escolas públicas ela muitas vezes é tratada de maneira superficial, quando não é completamente negligenciada. Essa dissociação impede que os estudantes do ensino médio desenvolvam habilidades críticas e reflexivas que são essenciais para uma cidadania plena e consciente.

Meu objetivo, no entanto, não é fazer uma comparação pontual entre os dois sistemas de ensino. Reconheço que as universidades e as escolas públicas possuem contextos e objetivos distintos, cada uma com suas próprias especificidades e desafios, mas sim explorar formas de ensinar filosofia no ensino médio da rede pública, buscando proporcionar uma experiência educacional que se aproxime ao máximo da qualidade do ambiente acadêmico universitário, adaptando-a às realidades e limitações específicas do contexto da escola pública. Inspirado pelas ideias de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Silvio Gallo procuro não apenas transmitir conhecimentos filosóficos, mas também fomentar um pensamento crítico e reflexivo que seja transformador na vida dos estudantes. Podendo ser encontrada em diferentes formas e manifestações na vida cotidiana, como conversas profundas entre amigos, em reflexões pessoais sobre o sentido da vida, em questionamentos sobre justiça e moralidade nas interações sociais, e até mesmo em obras de arte, literatura e música que nos levam a refletir sobre questões existenciais e metafísicas:

A filosofia é viva. É uma disciplina no pensamento que nos leva a criar conceitos, é pensamento que confere significado à cultura na medida em que pratica sua síntese conceitual, sendo assim, em cada época, a sua verdade. O pensamento filosófico, se considerado assim, não é apenas exercício de pensamento reflexivo e rigoroso, mas é, talvez principalmente, criação. (LIMA, GALLO, 2009, p. 14).

Vale a pena destacar que essa “filosofia viva” que foi citada acima, como uma filosofia que serve como uma visão de mundo, uma espécie de ferramenta, pode ser por vezes esquecida no meio acadêmico. O pensador Schweitzer, em seu livro "Filosofia da Civilização", faz uma crítica contundente ao desenvolvimento da filosofia, argumentando que ela se afastou das questões fundamentais da vida humana e do mundo. Ele observa que a filosofia, ao longo do tempo, tornou-se cada vez mais abstrata e autocentrada, perdendo seu vínculo com as realidades concretas da existência humana e os problemas práticos da sociedade.

Schweitzer critica a tendência dos filósofos modernos de se concentrar excessivamente em questões técnicas e metodológicas dentro da própria disciplina, muitas vezes desconectando-se das preocupações éticas e existenciais que deveriam estar no cerne da filosofia. Segundo ele, essa introspecção exagerada levou a uma espécie de estagnação, onde a filosofia se tornou uma discussão entre especialistas, isolada das questões mais amplas que afetam a humanidade.

O autor argumenta que a verdadeira filosofia deve voltar a se engajar com os problemas essenciais da vida, como a busca pelo sentido da existência, a ética e a compreensão da condição humana. Ele acredita que a filosofia deve servir como uma guia prática para a vida, ajudando as pessoas a desenvolverem uma visão de mundo. Em sua visão, a filosofia não deve ser um fim em si mesma, mas um meio para alcançar uma vida mais consciente, significativa e moralmente responsável.

Portanto, partindo da consideração que existe essa dissociação, o objetivo principal desse trabalho é refletir formas de aproximar os estudantes do ensino médio das escolas públicas da qualidade do ensino de filosofia que é feito no ambiente universitário, apoiando-me em uma abordagem de educação ambiciosa, que tem a pretensão de superar a filosofia que “apenas reflete sobre ela mesma”, e a partir disso tentar apresentar para os estudantes, apesar de todas as limitações na rede pública, uma filosofia que sirva para eles como uma bússola, uma ferramenta poderosa capaz de criar e repensar o mundo através de uma pedagogia do conceito.

O que é Pedagogia do Conceito?

A pedagogia do conceito, se concentra nas condições específicas que possibilitam a criação e a sustentação dos conceitos. Isso envolve examinar a essência dos conceitos e as condições necessárias para que eles sejam consistentes e funcionais. Ao entender essas condições, podemos ver como a atividade de criar conceitos está profundamente conectada à abordagem pedagógica que os envolve.

Deleuze e Guattari argumentam que um conceito não é algo simples ou único. Em vez disso, é algo singular, o que significa que é um evento particular que carrega a marca pessoal daquele pensador que o cria. Um conceito é múltiplo porque está conectado a outros; ele se desenvolve ao incorporar novos elementos e se relacionar com diferentes ideias. Isso quer dizer que um conceito não é algo pronto e acabado desde o início, mas algo que evolui e se transforma à medida que é explorado e desenvolvido pelo pensador.

A criação de conceitos, conforme abordado por Deleuze e Guattari, revela-se como um processo intrincado e dinâmico no campo da filosofia contemporânea. Eles argumentam que os conceitos não são simples entidades estáticas, mas eventos singulares que surgem em resposta a problemas mal formulados ou respostas insuficientes. Essa perspectiva desafia a concepção tradicional de filosofia como uma mera descobridora de verdades prontas, propondo-a como uma atividade criadora e transformadora.

A pedagogia do conceito, conforme descrita pelos autores, envolve a constante re colocação e reformulação dos problemas filosóficos. É através desse processo de desconstrução e reconstrução que novas compreensões emergem. Os conceitos, assim, não são estáticos; eles são múltiplos e abertos, conectando-se a outros conceitos e incorporando novos elementos ao longo do tempo. Esse movimento constante de criação e agregação de novos elementos é fundamental para a evolução do pensamento filosófico, estimulando a inovação e a expansão do campo conceitual.

Portanto, segundo Deleuze e Guattari, a filosofia não se limita a encontrar respostas definitivas, mas sim a explorar continuamente as possibilidades do pensamento, desafiando e renovando suas próprias bases. Essa abordagem não apenas enriquece o panorama filosófico, mas também reafirma a natureza criativa e

transformadora da filosofia como disciplina fundamental na busca por novas compreensões e significados.

A abordagem da pedagogia do conceito, conforme delineada por Deleuze e Guattari, representa uma ruptura com a visão estática e definitiva dos conceitos na filosofia. Em vez de serem vistos como entidades fixas, os conceitos são entendidos como eventos dinâmicos e processuais que estão constantemente em movimento. Esse movimento ocorre através da incessante recolocação e reformulação dos problemas filosóficos, um processo que envolve tanto a desconstrução das estruturas conceituais estabelecidas quanto a reconstrução com novos elementos e perspectivas.

Nesse contexto, a filosofia não é meramente receptora de conceitos preexistentes, mas uma atividade criativa que engendra novas formas de compreender o mundo. Os conceitos, portanto, não são apenas unidades isoladas de significado, mas entidades que se multiplicam ao se conectar com outros conceitos e ao incorporar novos elementos ao longo do tempo. Essa característica múltipla e aberta dos conceitos possibilita não apenas a evolução do pensamento filosófico, mas também a expansão contínua do campo conceitual, estimulando a inovação e a diversificação das abordagens filosóficas.

Assim, a pedagogia do conceito não se limita a uma simples transmissão de conhecimento, mas promove uma prática reflexiva e transformadora, onde os problemas filosóficos são constantemente avaliados e articulados para responder demandas emergentes da reflexão filosófica. Este processo dinâmico não apenas enriquece a filosofia como componente curricular, mas também contribui para a compreensão mais profunda e complexa dos desafios éticos, políticos e existenciais que permeiam a experiência humana.

Deleuze, o filósofo da criação de conceitos.

Deleuze é frequentemente descrito como um filósofo-historiador, o que significa que ele se dedica ao estudo dos pensadores importantes do passado com o objetivo de redesenhar novos mapas conceituais. Para Deleuze, fazer filosofia vai muito além de simplesmente repetir o que os filósofos antigos disseram. No entanto, ele enfatiza que é fundamental estudar esses pensadores clássicos para poder recriar e transformar o que já foi feito.

A abordagem de Deleuze à história da filosofia não é meramente retrospectiva. Ele não se contenta em olhar para o passado como um conjunto fixo de ideias a serem preservadas. Em vez disso, ele vê a história da filosofia como uma fonte de inspiração e como um campo de possibilidades a serem exploradas e renovadas.

Deleuze acredita que cada filósofo traz consigo uma cartografia única do pensamento, um conjunto de conceitos que mapeiam o território do conhecimento em sua época. Ao estudar esses mapas conceituais, o autor busca identificar os caminhos que ainda não foram percorridos, as ideias que ainda não foram plenamente desenvolvidas. Sua meta é redesenhar esses mapas, introduzindo novas vias e conexões que possam abrir o pensamento a novas direções e possibilidades.

Essa visão dinâmica e criativa da filosofia implica uma relação ativa e produtiva com o passado, onde os filósofos antigos não são como autoridades intocáveis, mas como interlocutores com os quais se pode dialogar, desafiar e colaborar. Estudar os grandes pensadores do passado é um ato de criação contínua, uma oportunidade para reinventar a filosofia e mantê-la viva e relevante. Segundo Sílvio Gallo: “Fazer filosofia é muito mais do que repetir filósofos, mas como a filosofia trata do mundo e há mais de dois mil anos que os filósofos debruçam-se sobre ele, também é difícil fazer filosofia (pensar o novo) sem retomar o já passado”. (2003, p. 34).

A produção filosófica é muitas vezes uma atividade solitária, na qual o filósofo se depara consigo mesmo e com suas próprias reflexões. No entanto, essa solidão não é absoluta. Frequentemente, o filósofo se encontra com outros pensadores e escolas filosóficas que fornecem material para sua produção conceitual. Esses encontros são essenciais para o desenvolvimento do pensamento filosófico, pois a produção depende desses encontros, que, por sua vez, são atos de apropriação e transformação.

Segundo Silvio Gallo, “a produção depende de encontros, encontros são roubos e roubos são sempre criativos, roubar um conceito é sempre produzir um conceito novo”. Essa perspectiva destaca a natureza interativa e dinâmica da filosofia. Ao se deparar com as ideias de outros, o filósofo não apenas absorve esses conceitos, mas os transforma, criando algo novo a partir do antigo. Esse processo de apropriação e reinvenção é fundamental para a evolução do pensamento filosófico.

O encontro com outros filósofos e suas ideias não é um simples ato de repetição ou cópia, mas uma oportunidade de criação. Ao "roubar" um conceito, o filósofo o recontextualiza, adaptando-o às suas próprias necessidades e perspectivas, e, assim, gera um novo conceito. Este ato de criação é inerentemente inovador, pois cada apropriação traz consigo uma nova interpretação, um novo ângulo de visão que enriquece o campo da filosofia. Sendo assim, filosofia está diretamente ligada a criação de conceitos, ela é a arte de criar conceitos, uma atividade criativa:

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos [...] Criar conceitos sempre novos, é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência [...] Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos?" (DELEUZE, GUATTARI, p. 13-14).

A filosofia para Deleuze e Guattari não se trata apenas de uma atividade contemplativa, comunicativa ou reflexiva, mas sim de algo prático, um empreendimento ativo e criativo, como uma ferramenta capaz de recriar o mundo existente, uma forma de transformar tudo o que existe em uma nova versão, “o conceito é sempre uma intervenção no mundo, seja para conservá-lo, seja para mudá-lo”. (Silvio Gallo p.42). Não pode ser contemplação. A filosofia pode ser vista como um ato de criação que gera novos acontecimentos. Sendo uma atividade criadora, a filosofia pode inventar novos modos de existência imanente.

Portanto, a filosofia, segundo Deleuze e Guattari, é uma prática dinâmica e criativa que vai além da mera contemplação ou repetição dos pensamentos dos filósofos do passado. Para eles, o verdadeiro ato filosófico está na criação de novos conceitos, o que implica uma relação ativa com a tradição filosófica. Deleuze se posiciona como um filósofo-historiador que não se contenta em simplesmente preservar as ideias antigas,

mas as utiliza como base para desenvolver novas compreensões e abrir caminhos inexplorados. Esta abordagem envolve uma constante recolocação e reformulação dos problemas filosóficos. Em vez de tratar os conceitos como entidades estáticas e definitivas, Deleuze os vê como eventos singulares que possuem a marca de seus criadores e que se conectam a outros conceitos, incorporando novos elementos ao longo do tempo. Esse processo de desconstrução e reconstrução é essencial para a evolução do pensamento filosófico, pois estimula a inovação e a expansão do campo conceitual.

Deleuze enfatiza que a filosofia deve ser vista como um ato de criação contínua. Os filósofos antigos são considerados interlocutores valiosos, cujas ideias podem ser desafiadas, apropriadas e transformadas. Este processo de apropriação e reinvenção é fundamental para o desenvolvimento do pensamento filosófico, permitindo que novas ideias emergem a partir das antigas.

CAPÍTULO II

Repensando a Educação: O Modelo Rizomático de Deleuze e Guattari.

A metáfora arbórea do conhecimento é uma representação clássica e profundamente enraizada na filosofia ocidental, responsável por uma noção de conhecimento como uma árvore que se forma a partir de um tronco central para formar um intrincado sistema de ramos e folhas, um conhecimento visto como um sistema estruturado e hierárquico. O tronco da árvore simboliza os princípios fundamentais e universais do saber, enquanto os ramos e folhas representam as diversas disciplinas e também subáreas desenvolvidas a partir desses princípios essenciais. Cada ramo, portanto, é visto como uma extensão direta das ideias centrais, refletindo uma organização ordenada e linear do conhecimento. Essa estrutura arbórea sugere uma abordagem sistemática e acumulativa onde as novas descobertas e áreas de estudo se anexam de maneira previsível e estruturada ao corpo principal do saber, refletindo uma visão do conhecimento como algo estático e bem delimitado. O modelo arbóreo, com sua ênfase na hierarquia e na linearidade, continua a influenciar muitas práticas acadêmicas e pedagógicas, apesar de suas limitações ele serve como forma de mediatizar e regular o fluxo de informações pelos caminhos internos da árvore do conhecimento:

Os sistemas arborescentes são sistemas hierárquicos que comportam centros de significação e de subjetivação, autômatos centrais, assim como memórias organizadas. Os modelos correspondentes são aqueles em que um elemento não recebe suas informações senão de uma unidade superior, e uma afetação subjetiva, de ligações preestabelecidas. (DELEUZE, GUATTARI, 1980, p.25).

Na metáfora arbórea, o tronco da árvore é emblemático de um conjunto fundamental de princípios ou verdades universais que servem como base para o desenvolvimento do conhecimento. Esse tronco representa a essência do saber, a partir da qual se ramificam as diversas áreas e disciplinas. Os ramos da árvore, então, simbolizam as diferentes disciplinas e campos do conhecimento que emergem e se expandem a partir desses princípios centrais, enquanto as folhas e sub-ramos ilustram as especializações e os detalhes mais específicos que surgem das áreas principais. Essa estrutura sugere uma organização do conhecimento que é linear e hierárquica, onde cada nível de ramificação reflete uma expansão ordenada e previsível dos fundamentos primários. As disciplinas se desenvolvem de forma sistemática e acumulativa, aderindo a uma lógica de progressão e estruturação que é estabelecida a

partir dos princípios centrais. Portanto, a metáfora arbórea propõe uma visão do conhecimento como um sistema capaz de se desenvolver de maneira ordenada e previsível, com uma clara hierarquia e inter-relações entre seus diferentes componentes.

Gilles Deleuze e Félix Guattari, em suas obras, particularmente em "Mil Platôs", ofereceram uma crítica contundente à metáfora arbórea do conhecimento, propondo uma alternativa radical na forma da metáfora do rizoma. O rizoma, ao contrário da árvore, é uma estrutura horizontal e não hierárquica, concebida para refletir uma concepção mais fluida e dinâmica do conhecimento. Em vez de uma organização linear e centralizada, o rizoma é caracterizado pela ausência de um ponto de origem ou centro fixo, permitindo que qualquer ponto da rede se conecte a qualquer outro ponto. Essa metáfora ilustra a multiplicidade e a interconectividade intrínseca ao conhecimento, desafiando a visão tradicional de um sistema de saber que se desenvolve de forma ordenada e acumulativa. A metáfora rizomática enfatiza a descentralização e a rede de conexões que se entrelaçam, revelando um modelo de conhecimento mais adaptável e permeável às interações e influências externas. Assim, Deleuze e Guattari oferecem uma visão do conhecimento como um campo de interações complexas e não hierárquicas, refletindo a natureza interconectada e em constante transformação do saber contemporâneo.

Desafiando o Modelo Arbóreo: A Metáfora Rizomática e a Reconfiguração do Conhecimento.

Gilles Deleuze e Félix Guattari revolucionaram a filosofia ao desafiar a compreensão tradicional do conhecimento estruturado em categorias fixas e hierárquicas e propor que o conhecimento é rizomático. Eles introduzem o conceito de rizoma como uma alternativa ao modelo arbóreo clássico, como uma rede horizontal e não hierárquica onde qualquer ponto pode se conectar a qualquer outro. Essa abordagem enfatiza a multiplicidade, a fluidez e a interconectividade do conhecimento, propondo uma visão mais dinâmica e adaptável das relações e das estruturas de saber. O conceito de rizoma, no contexto desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, origina-se da observação de um tipo de caule subterrâneo que se espalha horizontalmente e se ramifica em diversas direções. Em vez de uma estrutura rígida e centralizada, o rizoma representa uma rede fluida e interconectada, onde os elementos não são organizados de maneira linear ou hierárquica, mas se entrelaçam e se expandem de forma descentralizada e não linear. Esse modelo busca refletir a complexidade e a dinâmica da realidade, enfatizando a interconexão e a multiplicidade dos aspectos do conhecimento e da experiência:

Colocando em questão a relação intrínseca entre as várias áreas do saber, representadas cada uma delas pelas inúmeras linhas fibrosas de um rizoma, que se entrelaçam e se engalfinham formando um conjunto complexo no qual os elementos remetem necessariamente uns aos outros e mesmo para fora do próprio conjunto. (GALLO, 2003, p. 93).

Neste caso, o papel do professor é entender e articular essas conexões, integrando-as em suas práticas pedagógicas e trazendo-as para o ambiente de sala de aula porque todos os participantes, professores e alunos, são considerados como partes integrantes das raízes, contribuindo para a rede interconectada do saber. Sendo assim, não há um pressuposto último ou um fundamento único que sustente todo o conhecimento; ao invés disso, o conhecimento se ramifica, sempre em busca de novas conexões e entendimentos. Essa visão rejeita a ideia de uma verdade única e centralizada, promovendo uma compreensão mais aberta e contínua da realidade e do saber, sem um ponto de origem ou conclusão definitiva para o saber, apenas um processo contínuo e dinâmico, sem início nem fim claramente definidos:

Diferente da árvore, a imagem do rizoma não se presta nem a uma hierarquização nem a ser tomada como um paradigma, pois nunca há um rizoma, mas rizomas; na mesma medida em que o paradigma, fechado, paralisa o pensamento, o rizoma, sempre aberto, faz proliferar pensamentos. (GALLO, 2003, p. 93).

O conceito de rizoma, desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, é fundamentado em seis princípios principais:

1) Conexão: O princípio da conexão refere-se à capacidade do rizoma de estabelecer ligações entre qualquer ponto e outro dentro de um sistema. No rizoma, não há um ponto central ou uma hierarquia que determine como as conexões devem ocorrer. Em vez disso, todos os elementos estão potencialmente conectados uns aos outros, permitindo a criação de redes complexas e dinâmicas. Esse princípio enfatiza a interconectividade e a fluidez, destacando que o conhecimento e as experiências podem ser interligados de maneiras múltiplas e não lineares.

2) Heterogeneidade: A heterogeneidade é o princípio que reconhece a diversidade intrínseca dentro de um rizoma. Em vez de buscar uniformidade ou homogeneidade, o rizoma abraça as diferenças e a variedade. Elementos distintos, sejam eles ideias, práticas, ou indivíduos, coexistem e interagem dentro do sistema rizomático. Esse princípio celebra a multiplicidade de perspectivas e experiências, sugerindo que a riqueza de um sistema está na sua diversidade e na capacidade de integrar diferentes formas de conhecimento e existência.

3) Multiplicidade: O princípio da multiplicidade sublinha que o rizoma não é composto por unidades discretas, mas por uma rede de relações que se expandem indefinidamente. A multiplicidade no rizoma não se reduz a uma unidade ou a um conjunto limitado de elementos, mas é um campo aberto de variações contínuas. Esse

princípio destaca a proliferação de conexões e a expansão constante das redes de conhecimento, onde cada nova conexão adiciona novas dimensões ao sistema.

4) Ruptura Assignificante: A ruptura assignificante refere-se à capacidade do rizoma de se reorganizar após uma ruptura ou interrupção. Ao contrário de sistemas hierárquicos, onde uma ruptura pode causar um colapso significativo, o rizoma é resiliente e adaptável. Quando uma conexão é quebrada, novas conexões surgem para manter a integridade do sistema. Esse princípio ilustra a capacidade do rizoma de se transformar e se adaptar, mantendo sua coesão e funcionalidade mesmo diante de perturbações.

5) Cartografia: O princípio da cartografia implica que o rizoma é mapeado em vez de traçado. A cartografia no contexto rizomático é um processo contínuo de mapeamento das conexões e relações que surgem dentro do sistema. Diferente de um traçado, que é fixo e predeterminado, a cartografia é dinâmica e mutável, refletindo as mudanças e novas conexões que ocorrem. Esse princípio enfatiza a natureza processual e evolutiva do rizoma, onde o mapa está sempre em construção, adaptando-se às novas realidades e interações.

6) Decalcomania: Finalmente, o princípio da decalcomania refere-se à ideia de que o rizoma se desenvolve por imitação e adaptação, sem seguir um modelo preestabelecido. A decalcomania sugere que o crescimento e a expansão do rizoma ocorrem através de padrões que são copiados e adaptados conforme necessário, sem uma orientação fixa. Esse princípio destaca a flexibilidade e a capacidade do rizoma de se expandir e se transformar de maneiras imprevisíveis, refletindo a natureza orgânica e adaptativa do conhecimento e das experiências humanas.

O conhecimento não é algo pré-formado ou localizado apenas no cérebro; é o resultado de informações que estão constantemente sendo atualizadas, processadas e armazenadas. Assim, o cérebro funciona como uma "máquina" que manipula sentidos e produz novas informações a partir da integração e reinterpretação das informações já existentes. Portanto, o pensamento é essencial no processo de aprendizagem, pois é através dele que o conhecimento é continuamente desenvolvido e reconfigurado.

O aprendizado, de acordo com essa perspectiva, não requer um método rígido ou preestabelecido. Em vez disso, ele é visto como um movimento contínuo entre o saber e o não saber, onde a interação entre o indivíduo e o método adotado é o que gera resultados. O processo de aprendizagem é assim caracterizado pela flexibilidade e pela

capacidade de adaptação, refletindo a natureza rizomática do conhecimento como algo que se expande e evolui sem uma estrutura fixa e linear.

O aprendizado, sob uma perspectiva rizomática, não está atrelado a um método fixo ou preestabelecido. Em vez disso, ele é caracterizado como um processo dinâmico que ocorre entre o saber e o não saber, onde o resultado é gerado pela interação entre o indivíduo e o método aplicado. Aprender é visto como um percurso contínuo entre a identificação de problemas e a busca por soluções. A transmissão de informações que cada indivíduo recebe desempenha um papel crucial na formulação e na resolução desses problemas, abrindo espaço para novas discussões e para a exploração de diferentes modelos de pensamento.

Esse processo de aprendizagem é uma abertura para o diálogo e a reflexão, promovendo a exploração de diversas perspectivas e abordagens. A subjetividade, por sua vez, é um elemento fundamental nesse contexto, refletindo a variação dos julgamentos e das percepções individuais. A subjetividade engloba sentimentos, opiniões, valores, crenças, histórias pessoais e experiências, originando-se do sujeito. Assim, o aprendizado não é um fenômeno isolado ou uniforme, mas sim uma experiência profundamente pessoal e contextualizada, que se molda de acordo com as particularidades e a história de cada indivíduo.

Rizoma na Educação: Transformando Conceitos e Práticas Pedagógicas.

O assunto educação não é o foco central nos escritos dos autores, mas apesar disso existe uma possibilidade de refletir temas educacionais tomando como base a filosofia deleuzeana, e nesse ponto a filosofia pode assumir uma função relacionada a um pensar criativo, com menos rigidez no processo, sendo necessário levantar questões que nos conduza a um processo de desencadeamento de multiplicidades e acontecimentos. A educação na perspectiva deleuzeana, pode ser vista como uma prática dinâmica que favorece a criação e a transformação constante, refletindo as complexidades e as interconexões da vida real.

Trata-se de um processo que lida com as diversidades e tem um potencial de promover uma rede de interações que superam os paradigmas hierárquicos. Uma das características da abordagem rizomática é a valorização dos múltiplos pontos de vista e experiências, capaz de formar um movimento fluido e expansivo. Essa visão representa um desafio de ir além das soluções prontas e das definições rígidas, com uma educação que está sempre em construção, aberta a novas possibilidades e a novas formas de entender e interagir com o mundo, um campo de saberes entremeado por multiplicidades.

Essas multiplicidades são marcadas por diversas concepções de mundo, pela produção do conhecimento, pelos saberes populares, pelas formas de aprender, pelos interesses, pelos anseios, pelas percepções, pelos desejos, pelas construções criativas e pelas necessidades dos sujeitos envolvidos. Pensar o ensino de filosofia de forma rizomática significa descobrir essas multiplicidades que fazem interconexões e que são produzidas no dia a dia.

Como em alguns fenômenos sociais, a educação possui certas visões que levam a sistemas com muita hierarquia entre os conhecimentos, gerando uma espécie de classificação entre o que é considerado mais importante, e o que deve ser rejeitado. A proposta é pensar um ensino de filosofia que não seja composto apenas de hierarquias, mas sim de caminhos fluidos com apontamento para transversalidade entre as várias áreas do saber, possibilitando dentro dos limites possíveis conexões:

Assumir a transversalidade é transitar pelo território do saber como as sinapses viajam pelos neurônios, uma viagem aparentemente caótica que constrói seu(s) sentido(s) à medida em que desenvolvemos sua equação fractal. (GALLO, 2003, p.97).

Nesse sentido, a educação rizomática é uma imbricação de ações educativas, produção de conhecimento e cultura, que se desenvolve nas mais diversas particularidades, envolvendo sociedade, educação, saberes e culturas, bem como as aprendizagens populares, em ressonância com "princípios" e experiências da prática social concreta, dentro de um sistema aberto, buscando a transformação do existente a partir do próprio existente, gerando o novo. Isso implica uma abordagem educativa que não apenas acolhe, mas também fomenta a diversidade, a criatividade e a inovação contínua, reconhecendo e valorizando as interações e influências múltiplas que moldam o processo educativo. A educação se apresenta assim como um campo dinâmico e em constante evolução, aberto às transformações e às novas possibilidades que emergem do encontro entre os diversos sujeitos e saberes que a compõem.

As conexões entre pontos de saberes e práticas ocorrem de forma horizontal e não hierárquica, permitindo que qualquer ponto se ligue a outro ponto qualquer, sendo assim a educação promove a interconectividade e a diversidade, desafiando estruturas rígidas e centralizadas. Esse agenciamento rizomático permite que a educação se adapte e resista às imposições externas, favorecendo a autonomia e a criatividade em suas práticas, sendo capaz de incorporar uma variedade de experiências e conhecimentos, criando um ambiente de aprendizagem inclusivo e dinâmico, onde a inovação e a transformação contínua são valores centrais.

Ela não busca a totalidade, nem almeja modelos ou soluções acabadas e dogmáticas. Seu objetivo é fazer rizoma, criar conexões que procedem por variações e expansões de saberes, conhecimentos e expressões. Esse é um exercício de produção de multiplicidades de saberes. Educar é promover multiplicidades e criar, realizar conexões e novas conexões, possibilitando o surgimento de novas multiplicidades e experiências.

Dessa forma, a educação rizomática se configura como uma educação das multiplicidades, promovendo uma prática educativa que valoriza a diversidade, a criatividade e a transformação contínua, em ressonância com os princípios e experiências da prática social concreta, num sistema aberto que visa à transformação do existente a partir do próprio existente.

CAPITULO III

Uma proposta de ensino de filosofia para alunos do ensino médio da rede pública.

A filosofia possui um potencial transformador extraordinário para qualquer pessoa que decida se debruçar no estudo dos seus conteúdos, especialmente se tratando dos jovens estudantes do ensino médio. Durante este período crucial de desenvolvimento, os estudantes estão em um processo de constante devir, basicamente moldando suas identidades, e buscando entender como funciona a existência e tudo o que está ao nosso redor, formando valores e visões de mundo. A filosofia, ao promover o questionamento e o pensamento crítico, pode funcionar como uma linha de fuga nesse processo de transformação e devir. Uma linha de fuga é um movimento de escape das territorialidades fixas e das estruturas estabelecidas, abrindo espaço para a criação de novas possibilidades e novos modos de existência.

Uma pessoa em formação precisa ser educada para viver no mundo, precisa aprender as regras, ensinamentos e valores que nossa cultura acumulou durante muito tempo. Isso porque o jovem é formado para ser o adulto do futuro, e por isso ele precisa ter uma noção do funcionamento das coisas. Essa noção é formada diariamente através de toda vivência e um dos fatores que formam alguém é o conteúdo consumido, e nesse sentido aparece um grande problema, pois atualmente as pessoas de um modo geral são bombardeadas pela indústria cultural, produzindo e consumindo conteúdos em grande escala e na maioria das vezes sem filtrar o que deveria ser consumido e o que deveria ser descartado. Essa problemática abre espaço para o exercício da filosofia:

Poucas vezes algum de nós é convidado a pensar sobre a pertinência dos julgamentos do senso comum, sobre os critérios, procedimentos e razões das ciências, pensar criticamente sobre o significado de nossas ações e pensamentos. Quem pode promover esse tipo de pensar sobre o mundo é a filosofia. O ensino de filosofia pode proporcionar aos jovens uma outra disciplina em seu pensamento. Este ensino pode apontar para uma outra chave de análise e síntese para construção de significado do mundo e de si próprio, além daqueles que já são oferecidos normalmente em nossa educação. (LIMA, GALLO, 2009, p. 11).

Para Deleuze e Guattari, a filosofia não é apenas uma disciplina acadêmica que se limita ao estudo de sistemas de pensamento do passado. Em vez disso, eles a veem como um processo ativo e criativo de produção de conceitos. Isso implica que a filosofia não se contenta em apenas compreender o mundo como ele é, mas busca constantemente inventar novas maneiras de pensar sobre ele. Para esses pensadores, criar conceitos é mais do que apenas nomear ou descrever objetos ou fenômenos; é sobre estabelecer novas relações, conexões e formas de compreensão que desafiam as formas convencionais de pensar. Os conceitos filosóficos não são apenas ferramentas intelectuais estáticas, mas sim máquinas de pensamento, um processo dinâmico e em constante evolução, que visa não apenas compreender o mundo, mas também transformá-lo através da criação de novos conceitos que abrem caminho para novas formas de pensar, sentir e agir. Nesse sentido, estudar filosofia permite que os jovens se engajem na construção de suas próprias máquinas de pensar. Essa ideia combina perfeitamente com os jovens de ensino médio que estão constantemente tentando mapear a existência, isso porque de modo geral:

Os homens são aqueles animais que criam conhecimento. Suas consciências os obrigam a procurar, porque estão incessantemente propulsionados por suas questões, por um querer saber sem fim, um espaço vazio que deve ser preenchido por significado. (LIMA, GALLO, 2009, 2009, p. 12)

A filosofia assume esse papel importante porque desde o seu surgimento, está intrinsecamente ligada à busca pela verdade e autenticidade no pensamento. Ela se caracteriza por investigar além das aparências das coisas, questionando a essência e a razão por trás de sua existência. A prática filosófica oferece aos estudantes ferramentas intelectuais que são essenciais não apenas para o sucesso acadêmico, mas também para a vida cotidiana. A filosofia convida os jovens a tornarem-se rizomas, conectando-se a múltiplas perspectivas, aberta a novas possibilidades e significados. Ao incentivar uma abordagem crítica e criativa do pensamento, ela pode transformar a maneira como os jovens percebem e interagem com o mundo, promovendo a autonomia intelectual e a capacidade de criar novos territórios de sentido. Desse modo, não só contribui para o desenvolvimento individual dos estudantes, mas também para a construção de uma sociedade mais reflexiva e aberta à diferença:

A filosofia é viva. É uma disciplina no pensamento que nos leva a criar conceitos, é pensamento que confere significado à cultura na medida em que pratica sua síntese conceitual, sendo assim, em cada época, a sua verdade. O pensamento filosófico, se considerado assim, não é apenas exercício de

pensamento reflexivo e rigoroso, mas é, talvez principalmente, criação. (LIMA, GALLO, 2009, p. 14).

Ao engajarem-se com a filosofia, os jovens são estimulados a questionar suposições e a desafiar o status quo, operando como verdadeiros agentes de desterritorialização. Este exercício de questionamento é crucial para o desenvolvimento do pensamento crítico, uma habilidade que lhes permitirá analisar informações de maneira rigorosa, identificar falácias lógicas e construir argumentos coerentes e persuasivos. Pensar criticamente é criar novos modos de existência, desmantelando estratificações rígidas e abrindo-se a novas linhas de fuga. Em um mundo onde somos constantemente bombardeados por uma avalanche de informações e opiniões, a capacidade de pensar criticamente é indispensável. A filosofia ensina os estudantes a não aceitarem as coisas pelo valor de face, mas a investigar mais a fundo, a buscar evidências e a formar suas próprias conclusões fundamentadas, uma espécie de ferramenta que serve como: “arma de produção de suas próprias versões do mundo”. (LIMA, GALLO, 2009).

Os jovens precisam pensar além do que o senso comum diz sobre os assuntos do cotidiano. Precisamos questionar as seduções do marketing que induzem ao consumo desenfreado, precisamos questionar as noções de sucesso pregadas pela sociedade, entre outros diversos assuntos que são absorvidos por grande parte da população sem nenhuma reflexão prévia. Engajar-se com a filosofia permite aos jovens tornarem-se cartógrafos de seus próprios pensamentos, mapeando e desafiando territórios conceituais estabelecidos. A filosofia, assim, não só capacita os estudantes a navegar pelas complexidades do mundo contemporâneo, mas também a tornarem-se criadores de novos conceitos, novas formas de vida e novos modos de pensar, e tudo isso partindo das suas questões, e dos seus problemas, para encoraja-los a criar composições filosóficas usando conceitos.

Além disso, a filosofia oferece uma plataforma para a reflexão profunda sobre si mesmo, funcionando como uma máquina de subjetivação que permite a criação de novos modos de existência. Os jovens são levados a ponderar sobre questões éticas e existenciais, explorando temas como a natureza da felicidade, a definição de uma vida bem vivida e as obrigações morais que temos para com os outros. Essa introspecção promove o autoconhecimento e contribui para a construção de uma bússola ética que guia os estudantes em suas decisões e ações futuras, onde: “Cada um deles pode ser

uma máquina de criação de versões, as suas próprias versões”, uma espécie de engajamento com a complexidade do mundo, desenvolvendo uma sensibilidade ética que os habilita a tomar decisões informadas e responsáveis. Dessa forma, promove não apenas o autoconhecimento, mas também contribui para a formação de cidadãos capazes de pensar criticamente e agir eticamente em um mundo em constante transformação.

De maneira geral, estudar filosofia no ensino médio oferece aos jovens uma base sólida para a vida. Através do desenvolvimento do pensamento crítico, da promoção da reflexão pessoal, da ampliação das perspectivas culturais e da promoção da criatividade, a filosofia equipa os estudantes com as ferramentas necessárias para viver vidas reflexivas, responsáveis e gratificantes. Ao incorporar a filosofia na educação dos jovens, estamos não apenas preparando-os para o sucesso acadêmico e profissional, mas também ajudando-os a se tornarem indivíduos pensantes, éticos e engajados, capazes de contribuir positivamente para o mundo ao seu redor. Portanto, a filosofia não é apenas uma disciplina acadêmica, mas uma prática vital que enriquece e transforma a vida dos jovens de maneiras profundas e duradouras.

O PAS como uma forma de promover o interesse e aproximação entre os jovens, a filosofia e a universidade.

Atualmente os professores de filosofia enfrentam desafios significativos na sala de aula, tendo em vista que a tecnologia desempenha um papel central na vida dos estudantes. Com o fácil acesso a dispositivos digitais e redes sociais, a atenção dos alunos está frequentemente dispersa, criando uma competição direta com os conteúdos filosóficos. Esse cenário exige dos educadores não apenas o domínio dos temas que ensinam, mas também uma habilidade refinada para cativar e engajar os estudantes de maneira eficaz.

No livro escrito por Silvio Gallo e Renata Lima: *Ensinar filosofia um livro para professores*, os autores defendem que um curso de filosofia pensado em criar experiência filosófica pode ser dividido em quatro etapas: sensibilização; problematização; investigação e conceituação. A primeira etapa consiste em desde o início do processo de ensino aprendizagem buscar formas de fazer uma maior aproximação entre o conteúdo que vai ser estudado e a realidade dos estudantes. Basicamente, o papel do professor nesse ponto é mostrar que a filosofia trata das questões humanas mais fundamentais, as mesmas que os jovens tem interesse quando não estão tomados de toda atividade cotidiana. Essa primeira etapa é conhecida como sensibilização:

Se conseguirmos introduzir os temas filosóficos a serem estudados posteriormente por meio de textos e imagens que não foram produzidos como filosofia, como por exemplo, filmes, músicas, reportagens, poesia, etc., mas que tenham conteúdos que possam contribuir para a elaboração da questão a ser estudada, isto certamente contribuirá para um maior interesse dos alunos. (LIMA, GALLO, 2009, p.76)

Uma forma prática de fazer essa sensibilização ou aproximação é através do Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB). Segundo o site da Secretaria de Administração Acadêmica da UnB, o PAS consiste em um processo seletivo diferenciado, que avalia os estudantes ao longo de três etapas. A cada ano, os alunos são submetidos a provas que abordam conteúdos específicos, de acordo com a fase escolar em que se encontram, com foco em uma abordagem interdisciplinar e contextualizada. No que diz respeito às obras indicadas pelo PAS, tanto obras e textos que tenham relação direta com filosofia quanto obras não filosóficas, são cuidadosamente selecionadas para dialogar com os interesses e vivências dos jovens do ensino médio. Essas obras abrangem temas relevantes para a

realidade dos estudantes. Dessa forma, os professores de filosofia podem utilizar essas obras como uma ponte para se aproximar dos alunos, facilitando o engajamento com o conteúdo filosófico e promovendo discussões significativas em sala de aula. A seleção dessas obras possibilita que os estudantes enxerguem na prática a filosofia não apenas como uma disciplina teórica, mas como um campo de conhecimento que tem conexão direta com suas próprias vidas e experiências. O modelo do PAS é fruto de uma interação ousada entre a universidade e a educação básica, oferecendo uma proposta pedagógica inovadora que valoriza o contato direto dos estudantes com textos filosóficos. Essa abordagem contextualiza o ensino da filosofia de maneira interdisciplinar, conectando as obras e os pensamentos dos filósofos a outros campos do saber e a realidade vivida pelos estudantes.

Após a definição dos conteúdos que serão estudados, no caso obras do PAS e também textos filosóficos, o professor pode seguir para etapa de problematização, onde o objetivo é criar uma atmosfera de inquietação intelectual ou simplesmente aproveitar a inquietação existente por meio de questionamentos. Trata-se de um processo prático de relacionar o conteúdo com a vida, mostrar para eles que os grandes pensadores partiram de questões do dia a dia, é basicamente a formulação de um problema filosófico. É importante deixar escancarado onde o aluno começa a perceber as contradições, dilemas ou ambiguidades do tema em estudo. Este processo é fundamental para que o estudante não apenas absorva o conteúdo, mas também o internalize como uma questão relevante que merece sua atenção.

A terceira etapa, a investigação, envolve a exploração e a análise mais profunda do problema apresentado. Nesta fase, os estudantes são encorajados a buscar respostas, explorar diferentes perspectivas e se envolver com o material filosófico de maneira ativa. A investigação pode incluir a leitura de textos filosóficos, debates em grupo, ou a análise crítica de diferentes interpretações. O papel do professor aqui é guiar os alunos através desse processo, oferecendo ferramentas e recursos para que eles possam construir um entendimento mais sólido e fundamentado. Segundo Silvio Gallo e Renata Lima: Toda investigação é busca de resposta. Se não temos questões, um problema, não temos busca de resposta. Não há filosofia se houver conformidade com o dado, se houver obediência à aparência, se houver conforto na opinião". (2009, p.89).

Finalmente, a etapa de conceituação é onde os estudantes consolidam o conhecimento adquirido ao longo das fases anteriores. Nesse ponto, eles são levados a formular conceitos, teorias ou interpretações que sintetizam sua compreensão do tema. A conceituação é crucial, pois permite que o aluno organize seu pensamento de maneira lógica e coerente, transformando a experiência filosófica em conhecimento estruturado, tudo isso com objetivo de oferecer a filosofia como essa ferramenta essencial na construção de mundo.

Durante minha formação em filosofia, vivi experiências que não apenas fortaleceram minha visão sobre o papel da filosofia no ensino público, mas também me mostraram o poder que ela possui de conectar ideias profundas com o cotidiano dos estudantes. Em uma das turmas do EJA (Educação de Jovens e Adultos), por exemplo, aproveitei a conversa espontânea dos alunos sobre as rotinas cansativas de trabalho e expliquei conceitos fundamentais do sistema capitalista, como a mais-valia. Foi um momento em que eles puderam entender como suas vidas cotidianas, marcadas por jornadas longas e condições extenuantes, se inserem em um contexto mais amplo de relações de exploração e valorização do trabalho. Isso fez com que a teoria, muitas vezes abstrata, se tornasse mais próxima, revelando como o sistema em que vivemos afeta diretamente suas experiências.

Outra situação marcante foi quando introduzi a música "São Pixinguinha", do Emicida, que integra a matriz do PAS. O uso dessa música, que dialoga diretamente com as vivências dos estudantes, abriu espaço para discussões sobre temas como céu, inferno e a pluralidade das divindades. Eles começaram a questionar e debater se cada divindade deveria ter seu próprio céu ou se todas poderiam conviver em um mesmo espaço. Esse debate, ainda que surgido de uma canção popular, resultou em uma espécie de filosofia da religião. A partir de uma única música, questões metafísicas e espirituais emergiram, mostrando como temas filosóficos podem surgir de forma natural e significativa quando os estudantes se identificam com o conteúdo apresentado. Essas experiências reforçaram em mim a crença de que a filosofia é mais do que teoria, ela é uma prática viva, capaz de despertar nos jovens e adultos a reflexão crítica e o desejo de entenderem suas vidas sob uma nova luz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou evidenciar a lacuna existente entre o ensino de filosofia nas universidades e no ensino médio das escolas públicas, destacando as disparidades que limitam o potencial transformador da filosofia para os jovens. Através de uma análise das diferentes abordagens e recursos disponíveis em ambos os contextos, ficou claro que há uma necessidade urgente de aproximar o cânone filosófico da realidade dos estudantes de ensino médio.

Ao adotar a filosofia como uma prática dinâmica e criativa, conforme sugerido por Deleuze e Guattari, é possível transformar o ensino de filosofia em uma ferramenta capaz de promover mudanças intelectuais, sociais e políticas. A proposta de uma educação rizomática, que privilegia a multiplicidade, a fluidez e a interconexão do conhecimento, oferece um caminho promissor para superar os limites do modelo tradicional de ensino, que muitas vezes restringe o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo.

O uso do Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB) como instrumento pedagógico exemplifica como é possível engajar os jovens com a filosofia de maneira significativa, conectando o conteúdo filosófico à sua realidade e promovendo uma aprendizagem ativa e transformadora. Ao estruturar o ensino em etapas de sensibilização, problematização, investigação e conceituação, os estudantes são incentivados a desenvolver suas próprias máquinas de pensamento, operando como agentes de mudança em suas próprias vidas e na sociedade.

Portanto, este trabalho não apenas reforça a importância da filosofia no currículo do ensino médio, mas também propõe uma reconfiguração pedagógica que possa realmente potencializar o impacto da filosofia na formação dos jovens, preparando-os para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais complexo e interconectado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

LIMA, R. GALLO, S. **Ensinar Filosofia: Um livro para professores**. São Paulo: Ed. 1, 2009.

LUIS, A. **Problemas de uma pedagogia do conceito: Pensando um ensino de filosofia**. Rio de Janeiro: 2016.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia: Vol. 1**. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

ALLIEZ, E. **A assinatura do mundo**. O que é filosofia de Deleuze e Guattari? Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

CERLETTI, A. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KOHAN, W. CERLETTI, A. **A filosofia no ensino médio**. Brasília: Ed. UnB, 1999.